



Discurso e sujeito em práticas identitárias na Pós-Modernidade

NAVARRO, Pedro; TASSO, Ismara. **Produção de identidade e processos de subjetivação em práticas discursivas**. Maringá: Eduem, 2012. 304 p. ISBN 978-85-7628-429-1

Alex Pereira de Araújo^{1,2}

¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Estrada do Bem Querer, km 4, 45083-900, Cx. Postal 95, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.
²Universidade Estadual de Santa Cruz. Rodovia Jorge Amado, km 16, 45662-000, Ilhéus, Bahia, Brasil. E-mail: alex.scac@hotmail.com

O livro *Produção de Identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas* é uma obra que reúne um conjunto significativo de 11 artigos organizados por Pedro Navarro e por Ismara Tasso. Tal coletânea é fruto das pesquisas realizadas no projeto 'Práticas identitárias na pós-Modernidade: discurso, sentido e mídia', e, conta também com a colaboração de pesquisadores externos que atuam na mesma perspectiva discursiva de linguagem. É um lançamento da Editora da Universidade Estadual de Maringá, publicado no primeiro semestre de 2012.

A obra tem como fio condutor duas questões filosóficas 'Quem somos nós hoje?' e 'Quem é esse sujeito produzido no interior de práticas dominantes que têm lugar na mídia brasileira?', questões essas, que estão no bojo das discussões do mundo contemporâneo, mais precisamente, quando se pensa na relação discurso e sujeito enquanto lugar de produção de saber e poder, e, de certa forma, estas questões estão ligadas diretamente ao trabalho de Michel Foucault, sobretudo, quando o filósofo francês apresenta uma discussão que retoma o *Was ist Aufklärung?* de Kant num gesto que fez surgir uma genealogia foucaultiana, a qual nos faz olhar para o tempo presente para, com isso, pensarmos nos processos de subjetivação e identificação que emergem na contemporaneidade, ou seja, como nos tornamos sujeitos neste tempo marcado pela justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado do disperso (cf. FOUCAULT, 1988, 1994, 2010). Daí, tem-se uma ideia que a obra traz em si o espírito foucaultiano ao analisar os mecanismos de poder em práticas discursivas do sujeito situado na contemporaneidade. A partir dessa relação, a obra se desdobra em três eixos temáticos que, de certo modo, são ecos das palavras e das coisas daquilo que Foucault fez em seu percurso de diagnosticador do tempo presente. Dessa forma, teremos três eixos que vão refletir sobre os discursos sobre sujeitos excluídos em nossa sociedade como o deficiente e o

homossexual, as questões de gênero no que diz respeito às identidades masculinas e femininas, além das mudanças que caracterizam novos processos de identificação nas relações políticas de sujeito para sujeitos, logo, discussões que se inscrevem na discussão sobre saber e de poder trazidas à tona por Foucault.

O primeiro deles – 'Sujeito e corpo na ordem dos discursos: efeitos do biopoder' – traz à tona uma discussão em torno do controle do corpo e o governo dos sujeitos, ou seja, neste eixo é preciso pensar num discurso do corpo sobre o corpo para adentrar em sua ordem discursiva tecida pelo biopoder, um poder do corpo para o corpo. As discussões da segunda parte – 'Discurso e normalização dos sujeitos: imagens de exclusão/inclusão' – estão voltadas para as representações do brasileiro marginalizado pelos mecanismos discursivos de exclusão e inclusão que ocorrem dentro dos processos de identificação e subjetivação que são difundidos por meio das práticas discursivas. Temos neste eixo um lugar para pensarmos no controle e descontrole do corpo, na transição das sociedades disciplinares para as sociedades de controle, no 'vigiar' e 'punir' corpos por meio de um discurso de controle do corpo por meio de imagens que estão na ordem desse discurso. Já na última parte, as reflexões giram em torno das representações do masculino e do feminino no público e no privado, da produção de identidades do sujeito político e os processos de subjetivação docente, relações que nem sempre ocorrem num face a face sem conflitos.

O trabalho 'O corpo moldado: corporeidade mediada e subjetivação' abre o primeiro eixo temático com uma análise de textos de revistas impressas, cujo objetivo é compreender o funcionamento do discurso sobre o corpo e suas formas de subjetivação, materializado nessas produções. Para tanto, os autores, Poliana Lachi e

Pedro Navarro, utilizam ‘um batimento descritivo-interpretativo’, tendo como objetivo principal encontrar certas regularidades nas materialidades discursivas ali localizadas. Assim, a análise verifica que o corpo aparece como “[...] uma construção discursiva produzida pela mídia conforme as relações de saber e poder articuladas no histórico e no social” (p. 34) e “[...] a subjetivação do sujeito só vai ocorrer a partir da objetivação do seu corpo” (p. 34). No funcionamento desse discurso, o controle aparece em forma de quantificação e de medida. Daí,

[...] os enunciados que representam o corpo e o sujeito na mídia constroem o efeito de sentido de que magreza e o corpo ideal podem ser construídos, principalmente, por meio do *fitness* (p. 36).

Uma discussão que traz a questão foucaultiana do poder-corpo para desarmar tal discurso sobre o corpo, para o corpo clivado pelas utopias da contemporaneidade em meio aos abalos da dispersão que marca a pós-modernidade.

Em *Discurso e biopolítica na sociedade de controle*, a autora, Kátia Menezes de Souza, analisa alguns enunciados de discursos políticos produzidos na atualidade brasileira, cuja veiculação se dá em campanhas sociais dos governos. Tais enunciados são tomados enquanto arquivo - conceito extraído de Michel Foucault. O resultado dessa análise evidencia que “[...] o exercício do biopoder é tão eficiente que se torna quase impossível pensar numa forma de resistência que de fato possa funcionar” (p. 54).

Encerrando o primeiro eixo temático, Roselene de Fátima Coito traz em sua análise ‘O corpo tatuado: a imagem de uma identidade em 3D’ um reflexão que se inicia ao pensar “[...] sobre o que é a história e a quem servem os intelectuais em determinados momentos lugares” (p. 57) tomando o conceito de identidade enquanto construção discursiva flutuante e a história enquanto ciência. Em outras palavras, a análise apresenta uma leitura interpretativa das tatuagens percebidas pelo olhar do biopoder, visto enquanto ‘o poder sobre si e sobre o próprio corpo’. Para a autora, as tatuagens, na modernidade, permitem ao analista do discurso, perceber como os indivíduos tatuados são marcados pelo tribal e individual. Por isso, a tatuagem pode ser vista enquanto dispositivo que constrói uma posição subjetiva cujo processo de identificação é marcado pelo individual e pelo coletivo.

A análise que abre o segundo eixo é ‘Mídia e estratégias de governamentalidade do corpo deficiente: políticas públicas afirmativas e identidade em tela’, texto assinado por Érica Danielle Silva e por Ismara Tasso (cf. p. 81). Nesse estudo, as autoras apresentam uma discussão a respeito da ‘notável

participação’ da televisão no processo de constituição dos sujeitos tomando como material para essa análise uma propaganda veiculada na mídia televisiva referente à campanha da Federação das APAE do Paraná na Semana Nacional do Excepcional (2009). Para as autoras,

[...] as estratégias utilizadas revelam o exercício de uma linguagem, seja ela verbal ou imagética, vinculado a uma organização simbólica que representa a forma de governar a si mesmo, o Estado e o Outro (p. 107).

A grande contribuição desse trabalho é que nos leva a pensar no que seja um corpo deficiente ou no como as políticas de Estado criam um discurso-corpo anormal para o sujeito (deficiente), cujo traço discursivo é aquele inscrito na relação inclusão/exclusão ou ainda que apresente a questão do espaço de subjetivação demarcado pela relação de dependência/independência do/para o sujeito deficiente. Assim, a temática do corpo deficiente inscrita nessa materialidade discursiva é compreendida na análise a partir do preconceito como correlato de poder e como mecanismo de governabilidade através desse discurso do corpo deficiente para o sujeito deficiente.

A análise realizada em ‘Doente e pecador: ecos do século XIX sobre a homossexualidade’ – encerra esse eixo. Nela, Alexandre Sebastião Ferrari Soares propõe uma interpretação dos sítios de significância que se estabeleceram na imprensa oficial sobre o homossexual e seu estilo de vida na década de 1980, mais precisamente, entre 1985 e 1990 e 20 anos mais tarde nos últimos cinco anos da primeira década do século XXI (2005 a 2010). A exemplo do trabalho anterior, temos neste texto de Alexandre Sebastião Ferrari Soares uma reflexão acerca de um discurso AIDS, uma doença contemporânea sexualmente transmissível, que constrói um sujeito doente, aidético. Em suas escavações arqueológicas, o autor consegue demonstrar, em sua análise, o modo como tal discurso foi se constituindo e se difundindo através da imprensa oficial. Nesse seu gesto arqueológico, o autor conclui que o discurso jornalístico tem papel fundamental na construção de sentido acerca da homossexualidade e em sua relação com a AIDS, difundindo, ainda que tenha a pretensão de neutralidade e veracidade, dentro de seu discurso outros como os discursos religiosos, “[...] os quais sustentam como próprio do homossexual e de seu estilo de vida a responsabilidade por algumas práticas” (p. 127); ou seja, a análise nos apresenta um discurso para a doença e para o doente que tem na sua constituição discursos do século XIX sobre a homossexualidade.

O próximo e último eixo temático se inicia com o artigo 'O 'sapo barbudo' e o 'Lulinha paz e amor': as identidades de Lula construídas pela mídia na campanha de 2002' de Elaine de Moraes Santos e de Edson Carlos Romualdo, trazendo à tona - a partir das capas de revistas *Isto É* e *Veja* publicadas durante esse período eleitoral - uma discussão voltada para os efeitos de sentido regulares dessas duas identidades, "[...] as quais foram colocadas como contraditórias nas práticas discursivas das revistas analisadas" (p. 158). Para os autores,

[...] entender esses movimentos políticos é, como se nota, um convite a um envolvimento maior com a história já escrita de nossa política e com os próximos episódios (p. 159).

Diríamos ainda que é perceber como os jogos discursivos criam imagens a partir do desejo do outro, ou seja, do jogo político que se joga com o outro, para o outro. E nesse gesto, vamos perceber que a história está repleta de exemplos como esse apresentado pelos autores nessa análise, quando a imprensa e a mídia se apropriam do desejo do outro para construir discursos e imagens através da relação poder e saber por meio dos processos de identificação e subjetivação dos quais todo discurso está sujeito.

Já na análise de Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro - 'Misoginia e anticomunismo na xilogravura de cordel'- tem-se uma reflexão a respeito dos mecanismos de constituição da subjetividade feminina situada no discurso político - estudo que constituiu parte de sua tese de doutorado. A metodologia adotada é aquela apresentada por Michel Foucault em sua obra *Arqueologia do Saber*, bem como as reflexões acerca da imagem apresentadas por J-J. Courtine, e aí devemos lembrar que imagem é discurso, que a xilogravura de cordel é discurso. É por meio dessa materialidade imagética, discursiva, que a autora pôde verificar os mecanismos de constituição de identidade do sujeito político feminino na xilogravura, os quais atuam "[...] no sentido da desqualificação do discurso da candidata do PT nas eleições para pleito de Juazeiro do Norte - Ceará, 2000" (p. 178), ou seja, a autora nos apresenta uma análise que mostra que as relações de poder no Brasil ainda estão pautadas nos conflitos de gênero que se materializam nos discursos das campanhas eleitorais a cargos públicos, como o da prefeitura de Juazeiro do Norte, quando se tem uma candidata na disputa.

Em 'Memória, mulher e política: do governo das capitânias à presidência da república, rompendo barreiras', trabalho assinado por Maria da Conceição Fonseca-Silva, tem-se a apresentação de uma análise, mostrando que

[...] gerações de mulheres, da Colônia à República, têm participação de ações e movimentos que se opunham às formas de condução das condutas no interior das racionalidades políticas (p. 206).

A reflexão visa, com isso, discutir a constituição e transformação da mulher brasileira como sujeito político dentro do campo discursivo, ou seja, ao longo do percurso histórico, a luta pela participação política feminina se apresenta como algo multifacetado porque milhares de mulheres brasileiras se colocaram no lugar de resistência, "[...] muitas das quais ficaram anônimas, outras tantas foram esquecidas e poucas são lembradas" (p. 185). Dessa forma, a analista salienta

[...] que somente por meio daquilo que está à margem e que está interdito é possível entendermos as estruturas sociais ou as regularidades de um campo social ou de uma racionalidade política qualquer (p. 205).

A conclusão que se chega é que "[...] os sentidos das formulações sobre mulher e política não são logicamente estabilizados, ou seja, são logicamente variáveis" (p. 206). Nessa perspectiva, o estudo apresentado é um trabalho arqueológico que demonstra como, ao longo de nossa história, as mulheres assumiram posições de sujeitos políticos no país, mas que o discurso político hegemonicamente machista tentou apagar da história do Brasil criando um sujeito mulher associado ao sexo frágil ou aos afazeres do lar. É um bom lugar para se pensar na questão foucaultiana do 'quem somos nós?' numa variante desta questão, ou seja, quem somos nós mulheres hoje no Brasil?

Os três últimos trabalhos que compõem esse eixo enfatizam a questão da 'crise de identidade'. No primeiro deles, 'Identidade do masculino no humor' de Adélli Bortolon Bazza e de Maria Célia Cortez Passeti, as analistas se voltam para a denominada crise masculina que surge dos confrontos e disputas por espaço entre o gênero masculino e o gênero feminino na contemporaneidade. Para tanto, as autoras utilizam cenas do programa *Sexo Frágil*, produção da Rede Globo, exibida em 2003, para demonstrar que essa nova maneira de discursivizar do homem (contemporâneo) emerge do momento atual, o qual aponta para a emergência de outra posição subjetiva construída por meio de um discurso menos machista nas sociedades pós-modernas. Há de se pensar nessa reflexão, se, de fato, vivenciamos hoje uma crise masculina ou se esta época do simultâneo, da justaposição, do disperso há lugar para a identidade masculina ou feminina? Temos uma crise ou uma mudança de discurso?

Parece-nos que na contemporaneidade os processos de subjetivação e de identidade estão pautados na justaposição e no simultâneo, mas, os conflitos com os paradigmas modernos, das identidades fixas nos levam a pensar em crises, quando na realidade são conflitos de ontem no hoje. Se assim pensarmos, o 'sexo frágil' será apenas uma memória recente de um discurso masculino que impõe um sujeito frágil para as mulheres, uma posição de submissão, que a obra de Simone de Beauvoir (1947), *Le deuxième sexe* (*O segundo sexo*), e as discussões realizadas em *História da Sexualidade* por Michel Foucault (1988) já demonstravam tratar-se de discurso, ou seja, que a sexualidade é algo que está sob a ordem do discurso, porque é uma produção discursiva. E o trabalho nos convida a perceber tal crise como discurso que é atravessado pelas questões contemporâneas justapostas, lado a lado, dos conflitos ideológicos que tal discurso materializa.

No trabalho de Érica de Moraes - intitulado 'Ser mulher na atualidade: a representação discursiva da identidade feminina em quadros humorísticos de Maitena' - encontra-se uma análise que se atém ao processo de construção dos (efeitos de) sentidos dos discursos sobre a mulher na atualidade e seus consequentes desdobramentos a partir da representação feminina no texto de humor. O resultado da análise aponta para a tese inicial de que o texto de humor - como todo e qualquer texto - é uma recriação da realidade a partir de dados da memória discursiva. Afirma ainda a autora que mais do que reproduzir preconceitos, o humor os traz à tona, transportando-os a um nível mais explícito, inclusive pelo exagero que, segundo a analista, é típico desse gênero textual, ou seja, há todo um agenciamento ou dispositivo para a representação discursiva da identidade feminina. É justamente aí, entre o 'ser mulher', o 'discurso' e o 'sujeito mulher' que a análise tenta operar para perceber os efeitos de sentidos dessa representação discursiva da identidade feminina em quadros humorísticos de Maitena, quando a verdade desse discurso aparece demarcada pelo olhar do outro, pelo discurso do ser homem, se pensarmos que o sujeito e a identidade são posições em relações aos outros.

Fechando a obra, Pedro Navarro e Adriana Beloti apresentam em 'Professores: sujeito e objeto na revista *Nova Escola*' uma abordagem analítica cujo objetivo é

[...] discutir como essa revista materializa em seus enunciados processos de subjetivação, isto é, como os sujeitos professores são objetos e sujeitos dos enunciados da *Nova Escola* (p. 288).

Para estes autores, a análise mostra que tal revista utiliza

[...] um mecanismo discursivo de produção de identidade docente por meio de um conjunto de saberes sobre a prática pedagógica, a qual passa, então, a ser controlada e organizada por esse discurso (p. 301)

que

[...] não considera os fatores histórico-sociais que podem influenciar as práticas docentes, mas argumenta que todos, independente da realidade, devem seguir as mesmas estratégias (p. 301).

Uma reflexão que apresenta em tal processo de subjetivação uma série de dispositivos do tipo

[...] exemplos e reflexões sobre 'boas' propostas pedagógicas', com teorias, objetivos, metodologia e conteúdos, determinação a serem trabalhados e ensinados, e o governo de si pelo governo dos outros (p. 300).

Nesta análise, podemos perceber que através desses dispositivos, de que falam os autores, temos a modelagem de um sujeito professor, isto é, a construção de dispositivos que desenham um modelo de professor através do saber poder ser professor, uma posição e, ao mesmo tempo, projeta uma imagem para tal sujeito. Daí, podemos pensar que ainda se constroem identidades fixas em nosso tempo, o qual é marcado pelos abalos da contemporaneidade. Assim, para desconstruir tal imagem ou desarmar os discursos que se criam para os sujeitos professor é preciso refletir sobre a questão 'quem somos nós professores?'

Essa coletânea, como se vê, traz novas discussões acerca da produção de identidades e dos processos de subjetivação nos dias de hoje. Os trabalhos apresentados estão engajados com temas relacionados ao modo de como esses processos se efetivam na contemporaneidade, sobretudo, por meio de práticas discursivas que levam ao controle, à disciplina e ao governo dos corpos, e a problemática da inclusão/exclusão. Em todas as análises, é possível perceber algum conceito extraído da obra do filósofo francês Michel Foucault sendo operacionalizado. Além de Foucault, esses trabalhos também evocaram autores que tratam diretamente das questões de gênero social e de identidade, como Pierre Bourdieu (2002) e Simone de Beauvoir (1947); Giddens (2002), Hall (2000) e Bauman (2001). Esses últimos apresentam discussões acerca das questões ligadas à identidade em crise hoje; aqueles, nas discussões sobre masculinidade e feminilidade. A leitura dessa obra colocará o leitor a par de uma prática analítica do discurso que se faz no Brasil, diferente daquela

que emerge na França nos anos de 1960, em constantes deslocamentos, porque se alimenta do espírito foucaultiano de diagnosticador do presente, do nosso presente. É um obra tributária dos trabalhos de Foucault e, ao mesmo tempo, um tributo a esse grande intelectual que construiu uma trajetória voltada para as questões do saber poder construir sujeitos, tendo o discurso como lugar privilegiado para se observar o visível e o dizível e, conseqüentemente, o invisível e o não dito.

Referências

BAUMAN, Z. **Modernidades líquidas**. Tradução Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEAUVOIR, S. **Le deuxième sexe**. Paris: Gallimard, 1947.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Dits et écrits**. 1954-1988. Vol. 4. Édition de Daniel Defert, François Ewald e Jacques Lagrange. Paris: Gallimard, 1994.

FOUCAULT, M. O que são as Luzes? In: FOUCAULT, M. (Ed.). **Ditos e Escritos**. Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. tradução Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. Vol. II.

FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1984)**. tradução Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Received on April 17, 2013.

Accepted on August 7, 2013.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.